

INFLUÊNCIA MIDIÁTICA SOBRE O COMPORTAMENTO SUICIDA NA ADOLESCÊNCIA: UM FATOR DE RISCO OU PROTEÇÃO?

Débora Fernandes Xavier¹, Kelly Cristina Viana Lopes¹, Rebeca Xavier da Silva¹,
Raphael do Amaral Vaz²

1- Acadêmicas do curso de Psicologia na Faculdade Capixaba da Serra – Multivix-Serra.

2- Mestre em Psicologia e docente em Psicologia da Faculdade Capixaba da Serra – Multivix-Serra.

RESUMO

O presente artigo teve o objetivo de compreender a relação do suicídio adolescente com as mídias digitais relacionando-os com a Psicologia Junguiana. Por ser a adolescência uma fase de muitas transformações e maior vulnerabilidade às pressões sociais, que aliadas a outros fatores de risco ou de proteção podem influenciar na saúde mental, buscou-se entender qual o tipo de influência que a internet tem no desenvolvimento do adolescente a respeito do comportamento suicida. O suicídio, à nível mundial, é a terceira maior causa de morte entre adolescentes e vem crescendo nos últimos anos. É também um fenômeno multideterminado. Alguns dos fatores de risco foram trazidos aqui, como bullying, depressão e autolesão. Outros fatores servem para prevenir o suicídio, como bom relacionamento familiar e abertura para dialogar sobre seus pensamentos e sentimentos. Adolescentes conectados à internet estão expostos aos mais diversos conteúdos, muitos deles sendo falsos, perigosos e até criminosos. Outros, porém, são saudáveis. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e qualitativa. Na discussão e resultados foram relacionados ao tema os conceitos de Persona, Sombra, Arquétipo da morte e Processo de individuação. Concluiu-se que a mídia pode afetar o adolescente de forma positiva ou negativa, a depender da maneira como é utilizada e do que é consumido.

Palavras-chave: suicídio; adolescência; mídia; internet; influência; psicologia analítica.

ABSTRACT

This article aimed to understand the relationship between adolescent suicide and digital media by relating them to Jungian Psychology. Because adolescence is a phase of many transformations and greater vulnerability to social pressures, which combined with other risk or protective factors can influence mental health, we sought to understand what type of influence the internet has on adolescent development and suicidal behavior. Suicide, worldwide, is the third leading cause of death among adolescents and has been growing in recent years. It is also a multidetermined phenomenon. Some of the risk factors were brought up here, such as bullying, depression and self-harm. Other factors serve to prevent suicide, such as a good family relationship and openness to talk about your thoughts and feelings. Teens connected to the internet are exposed to the most diverse content, many of them being fake, dangerous and even criminal. Others, however, are healthy. The methodology used was bibliographic and qualitative research. In the discussion and results, the concepts of Persona, Shadow, Archetype of death and Individuation process were related to the theme. It was concluded that the media can affect adolescents in a positive or negative way, depending on the way it is used and what is consumed.

Key words: suicide; adolescence; media; internet; influence; analytical psychology.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) apud Fonseca et al. (2018), a adolescência se inicia aos 10 anos de idade e se estende até os 19 anos de idade. Para Ferreira et al. apud Barros, Pichelli e Ribeiro (2017), a adolescência se enquadra como uma categoria sociocultural onde as interpretações sobre essa fase irão depender em grande parte da cultura onde o adolescente está inserido.

A adolescência é o momento de transição onde a criança sai da infantilidade e caminha ao amadurecimento e definição da identidade no mundo adulto, esta etapa é cercada de dúvidas, descobertas e sentimentos novos. Considerada também como um evento de vida estressor, por conta das mudanças ocorridas, as quais acontecem em três áreas: no corpo, na mente e no ambiente. É comum conflitos interpessoais surgirem a partir da importância que o adolescente delega à avaliação e percepção do outro, influenciado pela mídia, amigos e especialmente dentro do âmbito familiar (OLIVEIRA, AMANCIO e SAMPAIO, 2001; CABRAL, 2015 SPRINTHALL apud BARROS, PICHELLI e RIBEIRO, 2017; CLAUMANN et al., 2018;).

A busca pela identidade que impulsiona a saída da infância para a vida adulta muitas vezes provoca angústia e ansiedade, na tentativa de amenizar essas mazelas, o indivíduo pode acabar desenvolvendo sintomas depressivos, recorrendo ao uso de drogas e apresentando comportamentos agressivos, impulsivos e suicidas (BORGES e WERLANG, 2006; ORES et al. apud BARROS, PICHELLI e RIBEIRO, 2017).

Para Oliveira, Amancio e Sampaio (2001), um jovem com pensamentos e tentativas suicidas se encontra desesperado. Demonstra uma negação em viver uma existência que lhe causa dor, assim, o comportamento suicida representa uma tentativa de sobrevivência e busca de alívio (BORGES e WERLANG, 2006). Quanto às causas do comportamento suicida em adolescentes, este mostra ser um fator multideterminado e complexo. Não há certeza de quais fatores exatos ou situações levam ao suicídio, mas é possível identificar fatores de risco (BRAGA e DELL'AGLIO, 2013; CABRAL, 2015).

Fatores de risco são circunstâncias e situações, alguma patologia ou características da personalidade, que podem contribuir e influenciar para uma

tentativa de suicídio ou suicídio consumado. Os jovens são considerados grupo de risco para o comportamento suicida, sendo importante o estudo e compreensão dos fatores associados a este fenômeno. Os fatores de proteção atuam de maneira a impedir que o adolescente considere dar fim à própria vida. Existem quatro categorias que se dividem os fatores de proteção. A primeira categoria corresponde aos fatores familiares; a segunda ao estilo cognitivo e personalidade; a terceira aos fatores culturais e sociodemográficos; e a quarta compreende os fatores ambientais (CABRAL, 2015; BRAS, JESUS e CARMO, 2016).

A era tecnológica teve seu início simultâneo ao nascimento de milhares de pessoas, que imersas nesse contexto foram chamadas pela literatura de “nativos digitais”. Sendo assim, os adolescentes atuais cresceram permeados pela tecnologia e não é possível definir suas consequências finais de modo certo. Sabe-se que os nativos digitais são o maior público consumidor da internet e torna-se uma questão preocupante e importante entender como que essas pessoas em fase de considerável desenvolvimento são afetadas pelo contexto tecnológico (SIQUEIRA e VARGAS, 2019).

Diante do exposto, esta pesquisa buscou reunir dados qualitativos visando a resposta para o seguinte problema de pesquisa: De que maneira as mídias podem influenciar o comportamento suicida na adolescência e se constituírem como fatores de risco ou de proteção? Para isto, o presente artigo realizou uma pesquisa bibliográfica baseada em materiais existentes, reunindo dados que contribuíram para a compreensão de como a Psicologia Analítica entende o comportamento suicida adolescente e como a mídia pode influenciá-lo de maneira positiva ou negativa.

A adolescência é uma fase de mudanças e construção da identidade do indivíduo. Sabendo que o suicídio é um problema de saúde pública, que tem crescido sua porcentagem entre os jovens e que estes são os maiores consumidores das mídias sociais, o que motivou a elaboração desta pesquisa foi o interesse em conhecer de que maneira esses aspectos podem se relacionar entre si articulando com o olhar da Psicologia Analítica.

Neste estudo se desenvolveu uma pesquisa exploratória do tipo bibliográfica e diante da extensão das informações sobre o comportamento suicida, mídia e psicologia analítica foi preciso delimitar o assunto, buscando

compreender a influência midiática, principalmente da internet, sobre o comportamento suicida na fase da adolescência, abordando que tal influência pode ser um fator de risco ou de proteção. Além de tais pontos, ainda se destaca o fundamento teórico na Psicologia Analítica. Para isto, o tema desta pesquisa é: Influência midiática sobre o comportamento suicida na adolescência: um fator de risco ou proteção?

O objetivo geral deste trabalho consiste em compreender como a Psicologia Analítica entende o comportamento suicida adolescente e como a mídia pode influenciá-lo de maneira positiva ou negativa. Tendo assim como objetivos específicos abordar sobre a relação da adolescência e o comportamento suicida, enunciar acerca da influência midiática e apresentar conceitos da psicologia analítica relacionados a tal comportamento.

Como hipótese, a mídia (internet, redes sociais, jogos, séries e filmes) pode ter forte influência na saúde mental, especialmente na adolescência, e que tal influência pode ser positiva e/ou negativa, podendo ser um fator relevante para o comportamento suicida (BRAGA E DELL'ALGIO, 2013). O problema não estaria na mídia em si, mas na maneira como é utilizada e nos conteúdos presentes. São necessários mais estudos sobre o tema, bem como campanhas de prevenção, promoção de saúde e conscientização dos adolescentes e de seus familiares sobre o uso saudável da internet.

ADOLESCÊNCIA E COMPORTAMENTO SUICIDA

O comportamento suicida é distinguido em três categorias: a ideação suicida, que pode ser sinalizado por meios verbais ou não; o planejamento e tentativa de suicídio e, por fim, a consumação do suicídio. O suicídio é um problema de saúde pública mundial e a segunda maior causa de morte entre jovens de 10 a 24 anos. A nível mundial, o suicídio é a terceira causa de morte

dos adolescentes. Porém, as estatísticas são subestimadas e falhas, principalmente em relação a esta fase, cujos atos são escondidos pela família (BORGES e WERLANG, 2006; BRAGA e DELL'AGLIO, 2013).

Segundo Santana et al. (2015), o aumento no número de casos de suicídio registrados nos últimos anos foi o fator decisivo para torná-lo um problema de saúde pública. Isso tem chamado atenção para o tema, trazendo maior visibilidade para a compreensão e prevenção do suicídio.

De acordo com estimativas da OMS apud Braga e Dell'Aglio (2013), os casos de tentativas de suicídio são 20 vezes maiores que os casos de suicídio consumado e supõe-se que a cada uma tentativa registrada de maneira oficial, existem outras quatro não notificadas. Quanto ao gênero é observado que as tentativas de suicídio são maiores nas meninas e o suicídio consumado mais frequente nos meninos, visto que eles utilizam de meios mais violentos. Supõe-se que essa diferença na escolha dos meios para cometer o suicídio tenha influência social, já que a sociedade é mais permissiva com a agressividade masculina e espera delicadeza das meninas (BRAGA e DELL'AGLIO, 2013).

Nenhum fator isolado é suficiente para explicar o porquê de uma pessoa tirar a própria vida. O comportamento suicida é um fenômeno complexo e multidimensional, influenciado pela relação entre fatores ambientais, sociais, fisiológicos, genéticos, biológicos, psicológicos, culturais e pessoais. Quanto maior a presença de aspectos negativos presentes nesses fatores, maior a probabilidade do comportamento suicida se manifestar (CABRAL, 2015; SANTANA et al., 2015; CLAUMANN et al., 2018).

A autodestruição, para Durkheim apud Santana et al. (2015), surge da desarmonia entre o indivíduo e o seu meio social. É através da sociedade que o ser humano aprende as normas e formas de conduta, alcançando satisfação quando corresponde adequadamente a elas. Porém, não conseguir, pode gerar sentimento de impotência e até ocasionar o suicídio como uma forma de escape. É necessário ampliar a visão, compreendendo que na realidade o sujeito não quer morrer, mas vê a morte como a única solução possível para resolver seus problemas e acabar com o seu sofrimento (OLIVEIRA, AMANCIO e SAMPAIO, 2001; SANTANA et al., 2015).

A partir de diversas pesquisas, Cabral (2015) destaca diversos fatores de risco para o suicídio, dentre eles o desamparo, estar exposto a violências,

transtornos, histórico de suicídio na família, estresse, conflitos, isolamento, problemas no processo de aprender, na saúde, circunstâncias econômicas, familiares, escolares, sociais, internas e emocionais.

É comum adolescentes que tentam o suicídio possuírem sentimentos de solidão, relatam sentir falta de ter amigos e não possuir ninguém para compartilhar suas experiências e tristezas, dessa forma, maior propensão a problemas emocionais e comportamentais. Um numeroso caso de adolescentes com depressão e ideação suicida pensam que são capazes de resolver os problemas sem ajuda, mas isso é um indicativo de um pedido de ajuda diante a um sofrimento acentuado (CILP, CLYMAN e CULP apud BORGES e WERLANG, 2006; DUTRA apud BRAGA e DELL'AGLIO, 2013).

Adolescentes apresentam uma vulnerabilidade maior à ideação suicida quando se identificam com alguma pessoa que tenha cometido tentativa ou consumação do suicídio e até mesmo um famoso. A isto se dá o nome de suicídio contagioso, um comportamento de imitação ou contágio. Então conhecer alguém com comportamento suicida se caracteriza como um fator de risco, visto que houve diferenças estatisticamente relevantes entre adolescentes que conheciam um suicida e tentaram o suicídio e outros que não conheciam e não tentaram (BORGES e WERLANG, 2006; CABRAL, 2015).

A autolesão se refere a um comportamento em que há intenção de ferir o próprio corpo, sem intenção consciente de suicídio e sem oferecer risco para o outro. As formas mais comuns de autolesão são realizar cortes externos na pele, arranhar-se, morder-se, queimar-se, bater alguma parte do corpo contra a parede e enfiar materiais perfurocortantes no corpo. As feridas causadas são frequentemente escondidas. Esse ato procura oferecer alívio a um sofrimento psicológico, substituindo uma dor psíquica intensa por uma dor física (LEVENKRON apud OLIVEIRA, AMANCIO e SAMPAIO, 2001; BRAGA e DELL'AGLIO, 2013).

Outro fator de risco é o bullying, uma forma de violência podendo ser de cunho físico, psicológico ou verbal, muitas vezes ocorrendo de forma silenciosa. Verifica-se até mesmo nas famílias, mas o local mais arriscado é a escola. Os envolvidos são classificados em: autores, os que praticam a violência; vítimas ou alvos a quem a violência é dirigida; e as testemunhas. O bullying pode provocar na vítima sentimentos de medo, angústia, insegurança, baixa autoestima,

depressão, queda no rendimento escolar e até mesmo o suicídio (BARBOSA et al., 2016).

Para Borges e Werlang (2006) o suicídio, especialmente na adolescência, é uma morte prematura e pode ser evitada se houverem ações preventivas nos contextos de convivência do adolescente, como escola, família, meios de comunicação e na comunidade. Assim, os jovens teriam o suporte necessário para um desenvolvimento saudável.

A OMS apud Cabral (2015) destaca fatores protetores ao suicídio como relações interpessoais positivas; de confiança; apoio das pessoas, incluindo as que são importantes ou de referência; buscar ajuda; valorizar-se; boa comunicação; boa alimentação e sono; praticar atividade física; experienciar e aprender novas coisas. Para a OMS apud Braga e Dell'Aglio (2013), são estratégias preventivas eficientes: restringir o acesso aos meios de consumir o suicídio; identificação e tratamento de transtornos psicológicos; tratamento do abuso de substâncias; melhoria no acesso aos serviços sociais e de saúde.

Como apontado por Abreu, Lima, Kohlrausch e Soares apud Cabral (2015), adolescentes que pertencem às famílias com bons relacionamentos entre si possuem menor probabilidade de se envolverem com comportamentos suicidas. Nas últimas décadas, ocorreu uma pluralização do significado de família, mas apesar de toda a diversidade nos arranjos familiares, esta continua sendo uma instituição com grande importância para o desenvolvimento sadio dos indivíduos (BRAGA e DELL'AGLIO, 2013).

Para Cabral (2015), uma pessoa que se mostra aberta e preocupada em perguntar a respeito do suicídio para alguém vulnerável, permitirá que esse alguém exponha sua dor ao falar. Ao perceber esse cuidado do outro a respeito de si, a pessoa com pensamentos suicidas se sente menos só e mais amparada. Portanto, falar sobre as ideias de morte pode servir como fator de proteção.

INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO COMPORTAMENTO SUICIDA ADOLESCENTE

As mídias digitais, são formas atuais de comunicação através de equipamentos eletrônicos que se conectam em rede (ANDRADE et al., 2020). Os jovens representam a maior parcela de usuários da internet e o fato de estarem em desenvolvimento cognitivo e em construção da personalidade, torna-se preocupante. Dados confirmam que têm ocorrido um aumento

constante de doença mental em crianças e adolescentes, em parte devido à inserção da internet, visto que esta pode atuar como potencializadora dos atos benéficos, mas também dos nocivos (SIQUEIRA e VARGAS, 2019).

Pesquisadores concluíram que as notícias de suicídio veiculadas na mídia podem exercer influência sobre pessoas vulneráveis, ainda mais quando elas possuem conhecidos que passaram pela mesma situação, associando o suicídio como uma forma de resolver conflitos, o que acaba tornando o comportamento suicida transgeracional (BRAGA e DELL'AGLIO, 2013).

O principal motivo que leva adolescentes a estarem em rede é o desejo por estar em troca com outras pessoas e realizar amizades. As tecnologias podem servir como grandes auxiliadoras para que o adolescente em sofrimento psíquico constitua uma rede de convivência. Os dispositivos digitais são espaços de autoria e inclusão digital para as pessoas, trata-se de um espaço onde ocorrem vivências individuais e coletivas, transmitindo o sentimento de pertencimento ao mundo e de construção do eu, através da produção como um meio de se expressar e comunicar com o mundo (ANDRADE et al., 2020).

A internet é um dos meios onde são disseminadas representações sociais a respeito do suicídio, ou seja, informações falsas que são propagadas (GOMES-VALÉRIO et al., 2018). Segundo Siqueira e Vargas (2019), durante o período que crianças e adolescentes ficam conectados, estão expostos à conteúdos inadequados que induzem à comportamentos prejudiciais, como a autolesão e a tentativa de suicídio. Através de séries, jogos, livros, filmes e grupos em redes sociais, como Facebook e WhatsApp, tem-se compartilhado e incentivado o ato suicida (SALESIANO e SOUZA, 2019).

Conforme Figueiredo (2015), as redes sociais proporcionam aos indivíduos diferentes modos de se relacionar e são pouco reguladas. Com um possível anonimato, pessoas se sentem no direito de realizar atos cruéis e imprudentes, sem se importar com as consequências que trará ao outro, pois creem que não serão punidos. Assim, criminosos colocam em risco a saúde física e mental dos jovens. Em vários estados brasileiros a polícia civil investiga grupos virtuais de incentivo ao suicídio. Os membros desses grupos encorajam uns aos outros sobre como dar fim à vida de modo eficaz (SIQUEIRA e VARGAS, 2019; SALESIANO e SOUZA, 2019).

O suicídio de adolescentes ganhou evidência recentemente por conta do “Desafio da Baleia Azul”, a pessoa recebe 50 desafios, que incluem autolesão, assistir filmes psicodélicos e por fim tirar a própria vida. A cada etapa cumprida, é preciso comprovar com publicações subliminares nas redes sociais. Outro desafio é o “desafio da Momo”, um número desconhecido envia mensagens com desafios que envolvem enforcamento e asfixia. As crianças e adolescentes são expostas à conteúdos inadequados de violência, assim como podem ocorrer instalações de vírus e extorsões financeiras. Em ambos os desafios, houve casos de suicídio infanto-juvenil no Brasil e ameaças (HERGESEL, 2017; SALESIANO e SOUZA, 2019).

No âmbito do audiovisual, cabe ressaltar a série “13 Reasons Why” lançada em 2017 pela plataforma virtual Netflix. A série teve grande repercussão por abordar temas como bullying, compartilhamento de fotos íntimas, isolamento e suicídio. Muitos adolescentes se identificaram com os problemas enfrentados pela personagem principal e as opiniões foram controversas. Ao mesmo tempo que aumentou significativamente a busca dos jovens por ajuda, psicólogos e psiquiatras alertaram sobre o risco de a série ser um gatilho para pessoas já abaladas, devido a forma como o suicídio foi abordado (HERGESEL, 2017).

Outro perigo à saúde mental dos adolescentes que ganhou uma nova vertente através da tecnologia foi o bullying. O chamado cyberbullying ocorre quando o agressor usa as mídias digitais para humilhar, intimidar e ameaçar a vítima. É uma forma mais complexa de bullying que pode ser a continuação do presencial ou não. No bullying virtual muitas vezes não é possível identificar o agressor, que se esconde no anonimato e atinge a vítima a qualquer instante. O número de observadores virtuais ultrapassa os presenciais, visto que na internet qualquer conteúdo pode se tornar viral (ARAÚJO e CALDEIRA, 2018).

Utilizando a tecnologia como aliada é possível aproximar afetos quando se é necessário o distanciamento físico. O adolescente encontra o apoio de pessoas com quem se identifica e pode compartilhar suas vivências. No entanto, acredita-se que os adolescentes estejam fazendo um uso abusivo da internet no período de pandemia da COVID-19. Para evitar o uso nocivo das redes o melhor caminho é a educação digital, sendo de suma importância que pais, educadores, profissionais e comunidade orientem desde cedo a respeito de como lidar e se proteger diante de possíveis ameaças virtuais. Esta medida

está intimamente ligada à prevenção e promoção de saúde mental nos adolescentes (SIQUEIRA e VARGAS, 2019; ANDRADE et al., 2020).

CONCEITOS JUNGUIANOS

O inconsciente pessoal abarca as experiências da vida que deixaram de fazer parte da memória consciente e se tornaram um conglomerado de ideias relacionadas chamadas de complexos, em sua maioria gerados na história única do indivíduo. Também existem complexos coletivos, que podem ser considerados conteúdo do inconsciente cultural, que o sujeito se apropria e é influenciado por eles. Já o inconsciente coletivo, é uma parte da psique em uma camada mais profunda, constituída de conteúdos herdados de raízes ancestrais, e considerado um segundo sistema psíquico da pessoa (SILVEIRA, 1981; STEIN, 2006; JUNG, 2014).

Os conteúdos físicos do inconsciente coletivo são recebidos e repassados de uma geração para a próxima como potencial psíquico, que é responsável pelos mitos, lendas e crenças religiosas. Uma tendência inata dos humanos a reagirem de maneira específica quando suas experiências ativarem uma resposta biologicamente herdada. Sendo assim, pensamentos, emoções e ações de uma pessoa são influenciados pelos conteúdos do inconsciente coletivo que estão sempre em movimento (FEIST, FEIST e ROBERTS, 2015).

Silveira (1981) elucida esse conceito afirmando que da mesma maneira que o corpo humano possui uma anatomia igual a despeito de todas as diferenças culturais e raciais, a psique também possui uma substância comum que é o inconsciente coletivo, uma herança que transcende as mais diversas diferenças culturais e atitudes conscientes. Nessa esteira, Jung (2014) denominou os conteúdos presentes no inconsciente coletivo de arquétipos. Que podem ser vistos como imagens arcaicas carregadas de emoção oriundas das experiências repetidas dos primeiros ancestrais humanos.

O conteúdo arquetípico é inconsciente na sua essência, mas ele se modifica através de sua conscientização e percepção, sendo alterado de acordo com a consciência individual ou experiência pessoal manifesta (JUNG, 2014). Dessa forma, só após ser ativado é que ele penetra na esfera do consciente (JACOBI, 2016).

A Persona é um arquétipo imprescindível para a compreensão da análise psíquica, um sistema complexo do comportamento ditado pela sociedade e pelos anseios que as pessoas alimentam de si mesmas. É prático e necessário para explicar as relações interpessoais. Significa a máscara desenvolvida nas interações do indivíduo com o ambiente, pode ser latente e inconsciente, mas atua em busca de assegurar a sobrevivência e a adaptação ao meio. Pode ser o resultado das exigências sociais e fruto de um compromisso do que a pessoa gostaria de ser ou parecer (STEIN, 2006).

Dentre os arquétipos que se caracterizam mais nitidamente e com frequência influenciam ou perturbam o eu, encontra-se a sombra. Não tem como a evitar, todo ego tem uma e é o oposto daquilo que se tenta mostrar para os outros. Na parte interna e sombria, onde está aquilo que é rejeitado na consciência, que foi deixada de lado, a parte primitiva, que o sujeito procura esconder de si e das pessoas e que por ser inconsciente é projetada no outro. Logo, quando um indivíduo se sente incomodado por alguém, é provável que esse alguém represente um aspecto de sua sombra (STEIN, 2006).

Todo ser humano possui esse lado oculto e sombrio ligado aquilo que a consciência e a persona interpretam como inadequado, como fantasias e sentimentos proibidos, ou seja, o que o Ego sente como indesejado. Porém, a sombra não é feita só de conteúdos negativos. Ela pode ter uma característica criativa e representar aquilo que o sujeito nunca ousou desenvolver ou reluta em enfrentar, de forma que vê-la no outro constitui uma espécie de lembrança dolorosa para o Ego, que nega de imediato, pois são qualidades que ele vê não pertencentes ao indivíduo (ZWEIGE e ABRAMS, 2012).

O Arquétipo da morte é outro arquétipo relevante para este estudo, ele aparece desde o nascimento e continua durante a vida e age em transformação de maneira simbólica e particular. É necessário compreender os aspectos que o envolve, as fantasias presentes, os conteúdos sombrios que contém, a relação que a pessoa tem com esse arquétipo e como ele se apresenta. Ao longo da vida a morte como um símbolo pode ir para o campo do questionamento, trabalhando o seu significado e o transformando (OLIVEIRA, 2012; SENA e FRANCO, 2017).

Existe também o processo de individuação, que colabora para o sujeito estar mais perto de si mesmo. Tal processo tem a ver com o “todo” psicológico,

que surge a partir do conflito entre o consciente e inconsciente, é caracterizado como um processo de transformação, envolve os conteúdos da personalidade e a manifestação dos conceitos supracitados. Tal processo também procura unificar a personalidade e opostos, tendo como objetivo a manifestação do arquétipo do “si-mesmo”. Não se dá de maneira simples, mas desenvolvimental, com robustez e reflexões (STEIN, 2006; JUNG, 2014; SENA e FRANCO, 2017; VAZ e VAZ, 2019).

METODOLOGIA

A pesquisa foi de natureza básica, que visa promover conhecimentos novos e acrescentar para o avanço científico, sem abarcar a questão prática (PRODANOV e FREITAS, 2013). O objetivo do estudo consistiu na pesquisa exploratória que, de acordo com Gil (2002), possui a finalidade de aprimoração dos pensamentos e consideração de diferentes aspectos relacionados com o tema estudado.

O tipo da pesquisa foi bibliográfica, baseada em materiais existentes, o que possibilita maior acesso ao conteúdo (GIL, 2002). O problema foi de abordagem qualitativa, que segundo Gil (2002), refere-se a uma abordagem que reúne informações com o objetivo de análise e interpretação dos dados a fim de obter uma compreensão ampla acerca do tema.

Os dados que fundamentaram este estudo foram pesquisados em artigos científicos, revistas, tese de doutorado, congressos, anais e livros utilizando como descritores os termos: suicídio, comportamento suicida, adolescência, redes sociais, internet, mídia, psicologia analítica. A prioridade foi selecionar artigos relacionados ao campo da psicologia, com base na análise de conteúdo, que pretende avaliar o conteúdo e compreender o sentido do texto (CAREGNATO e MUTTI, 2006). As obras foram selecionadas a partir da leitura sistemática, com critérios de inclusão e exclusão, primeiro lidos resumos,

somente os encontrados na língua portuguesa atendendo aos objetivos, eram lidos na íntegra, feito fichamentos, análise e escrita final.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Esse estudo apontou que a mídia pode apresentar-se como um fator de proteção, pois ações preventivas em meios de comunicação podem colaborar para um desenvolvimento saudável do jovem e diminuir a probabilidade de uma tentativa de suicídio. As tecnologias também são vistas como grandes aliadas, por serem um meio de contato com outras pessoas e podem ajudar um adolescente em sofrimento, aproximando afetos e oferecendo um ambiente de apoio (BORGES e WERLANG, 2006; ANDRADE et al., 2020).

A mídia também pode ser um fator de risco devido a sua capacidade em disseminar informações, inclusive informações falsas. Na adolescência pode ocorrer a exposição a conteúdos que colaborem para o suicídio e autolesão, bem como o compartilhamento de informações adoecedoras (GOMES-VALÉRIO et al., 2018; SALESIANO e SOUZA, 2019). Na internet, em especial, pode ocorrer o anonimato, a veiculação de desafios relacionados ao suicídio e a prática de violências como o cyberbullying (HERGESEL, 2017; ARAÚJO e CALDEIRA, 2018).

A partir disso foi possível identificar o conceito de sombra nesses aspectos midiáticos relacionados ao comportamento suicida, já que o indivíduo procura esconder a sombra. Iniciando pelo cyberbullying, um tipo de violência virtual, o agressor pode não se identificar e atacar o outro, expressando parte de sua sombra, o que lhe incomoda no outro pode ser o que incomoda em si mesmo. Outro ponto é a autolesão, feridas no próprio corpo que o indivíduo procura esconder, uma maneira de aliviar o sofrimento emocional, transferindo-o para a dor física. Tais práticas podem causar sofrimento (OLIVEIRA, AMANCIO e SAMPAIO, 2001; STEIN, 2006; ZWEIGE e ABRAMS, 2012; ARAÚJO e CALDEIRA, 2018;).

Reconhecendo-se que a mídia pode influenciar na fase da adolescência, percebe-se também a expressão da Persona ao notar conflitos interpessoais, influência sociocultural, a tentativa de sobrevivência e alívio e a expressão de si mesmo e comunicação com o mundo. O adolescente considera a opinião do outro e neste período permeado por incertezas podem surgir conflitos, angústias,

comportamentos agressivos e suicidas. A busca por alívio da dor se encontra presente por meio da ideação, tentativa e suicídio consumado. O conflito entre o que é cobrado e o que a personalidade apresenta é visto nas diferentes situações (STEIN, 2006; BORGES e WERLANG, 2006; BARROS, PICHELLI e RIBEIRO, 2017; ANDRADE et al., 2020).

Para Santana et al. (2015), é necessário ampliar a visão, compreendendo que na realidade o sujeito não quer morrer, mas vê a morte como a única solução possível para resolver seus problemas e acabar com o seu sofrimento. Nessa esteira, a psicologia analítica compreende os desejos suicidas pela via da representação simbólica, subjetiva da psique do indivíduo que sofre e vê nas tentativas de suicídio a possibilidade de dar um novo sentido à vida. O morrer e o significado da morte devem ser trabalhados e dessa forma, a morte deve ser uma aliada na busca reflexiva que o paciente almeja por si mesmo e o contexto que está vivendo (OLIVEIRA, 2012; SENA e FRANCO, 2017).

Destarte, o psicólogo o conduzirá a ampliar sua visão para outras saídas que não sejam a morte física, e através de uma perspectiva simbólica, procurar entender junto com o seu paciente: o que nele está precisando morrer, ou quem nele precisa morrer? Entendendo que o arquétipo da morte se faz presente e atravessa todo o curso do ciclo de vida a transformando de modo simbólico e subjetivo, é possível que se descubra a necessidade de morrer de alguns pontos conflituosos da existência que possivelmente representará um tipo de renascimento (OLIVEIRA, 2012; SENA e FRANCO, 2017).

Nessa toada, Cabral (2015), destacou que problemas familiares, escolares, sociais, estresse e conflitos, podem ser vistos como pontos conflituosos na vida dos adolescentes. E quando num processo psicoterapêutico a representação dessa morte passa a ser entendida, a transformação poderá acontecer, dando início ao processo de individuação, onde o sujeito passa a estar mais perto de si mesmo, tornando-se gradativamente diferente de sua persona, reconhecendo sua sombra e compreendendo nesse conflito um fator promotor do amadurecimento da própria personalidade (JUNG, 2014; SENA e FRANCO, 2017; VAZ e VAZ, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na literatura utilizada para a construção deste artigo, constatou-se que o suicídio é um problema de saúde pública e tornou-se especialmente preocupante na fase da adolescência devido ao aumento do número de casos de tentativas e consumação do ato nessa população. Uma das razões para o suicídio adolescente ser uma preocupação, encontra-se no fato de que esta é uma fase permeada por mudanças e afetos intensos onde o indivíduo constrói sua noção de eu no mundo. Essa construção é afetada por aspectos psicológicos, biológicos e sociais, que quando apresentam fatores de risco podem influenciar no comportamento suicida.

Nesse sentido, é fundamental ter estudos que busquem compreender como os adolescentes são afetados pelos contextos a quais estão expostos. Um destes contextos são as mídias, que incluem a internet, redes sociais, filmes, séries, entre outros. A tecnologia tem crescido e o seu consumo também, especialmente na população mais jovem que já nasce inserida nesse âmbito. Portanto, é preciso compreender como o uso da internet pode ter relação com o suicídio.

De acordo com os conceitos Junguianos, a tentativa de esconder a sua sombra pode se manifestar nas redes sociais quando um sujeito utiliza o anonimato para praticar o cyberbullying, atacando no outro aspectos que muitas vezes o incomoda em si mesmo. A sombra é percebida também quando o adolescente com comportamento suicida tenta esconder suas ideias de morte e autolesões. Percebe-se a Persona quando há um conflito entre o que é esperado do adolescente e o que ele realmente é, provocando sofrimento para ele. A representação simbólica e o arquétipo da morte precisam ser levados em conta para que se compreenda o que realmente precisa morrer e o que precisa renascer na vida dessa pessoa em sofrimento.

Concluiu-se por fim, que em relação ao comportamento suicida, a mídia pode servir tanto como fator de risco, como também fator de proteção, dependendo da forma como é utilizada e dos conteúdos consumidos pelo adolescente. Torna-se um fator de risco quando o adolescente é exposto às violências virtuais, páginas e desafios de incentivo ao suicídio e produções cinematográficas produzidas de maneira inconsequente, assim como notícias de suicídio abordadas de maneira errônea. Torna-se um fator de proteção quando permite ao adolescente encontrar uma rede de apoio online, quando se tem

acesso a informações benéficas e preventivas e ao encontrar conteúdos que incentivem e ofereçam ajuda psicológica.

Diante do exposto, ressalta-se a importância de pesquisas mais aprofundadas sobre o tema e a conscientização das pessoas a respeito dos benefícios e malefícios das diversas mídias sobre o adolescente, especialmente a respeito daqueles que possuem mais vulnerabilidades ao comportamento suicida. Por ser difícil haver um controle totalmente eficaz da internet que evite conteúdos de risco, a educação digital para a população geral se faz necessária para que crianças e adolescentes saibam identificar os perigos e os pais e professores também estejam atentos ao que está sendo acessado por seus alunos e filhos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lorena et al. A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por Covid-19. **Health Residencies Journal-HRJ**, v. 1, n. 2, p. 44-61, 2020. Disponível em: < <https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/12> >. Acesso em: 8 de setembro de 2020.

ARAÚJO, João Diogo Oliveira; CALDEIRA, Maria do Rosário. Bullying e Cyberbullying: ameaça ao bem-estar físico e mental dos adolescentes. **AdolesCiência**: Revista Júnior de Investigação, v. 5, n. 1, p. 6-11, 2018. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/18191>>. Acesso em: 8 de setembro de 2020.

BARBOSA, Ana Karoline Lôbo et al. Bullying e sua relação com o suicídio na adolescência. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 10, n. 31, p. 202-220, 2016. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/501/667>> Acesso em: 13 maio 2020.

BARROS, Paula Danielly Queiroz de; PICHELLI, Ana Alayde Werba Saldanha; RIBEIRO, Karla Carolina Silveira. Associação entre o consumo de drogas e a ideação suicida em adolescentes. **Mental**, Barbacena, v. 11, n. 21, p. 304-320, dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272017000200002&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 13 maio 2020.

BORGES, Vivian Roxo; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 11, n. 3, p. 345-351, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000300012&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 29 Mar. 2020.

BRAGA, Luiza de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**, v. 6, n. 1, p. 2-14, 2013. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2013.61.01/1533>> Acesso em: 29 Mar. 2020.

BRAS, Marta; JESUS, Saul; CARMO, Cláudia. Fatores psicológicos de risco e protetores associados à ideação Suicida em Adolescentes. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 17, n. 2, p. 132-149, set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862016000200003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 13 maio 2020.

CABRAL, Catarina Alexandra Abrunhosa. **Representações sociais do suicídio na adolescência**. Dissertação (Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco) – Instituto Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação de Viseu, Viseu, 2015. Disponível em:

<<https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2990/1/Projeto%20Catarina%20Cabal%20n%c2%ba8701.pdf>> Acesso em: 13 maio 2020.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto** - enferm., Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jun. 2020.

CLAUMANN, Gaia Salvador et al. Prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e associação com a insatisfação corporal em adolescentes. **J Bras Psiquiatr**, v. 67, n. 1, p. 3-9, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Gaia_Claumann/publication/324522704_Prevalencia_de_pensamentos_e_comportamentos_suicidas_e_associacao_com_a_insatisfacao_corporal_em_adolescentes/links/5add1228458515c60f5f2e2c/Prevalencia-de-pensamentos-e-comportamentos-suicidas-e-associacao-com-a-insatisfacao-corporal-em-adolescentes.pdf> Acesso em: 13 maio 2020.

FEIST, J.; FEIST, G., J.; ROBERTS, T. **Teorias da personalidade**. 8ª edição. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre AMGH, 2015.

FIGUEIREDO, Felícia. Redes Sociais: Um suporte para a prática do self-cyberbullying. **Educ Soc Cult [Internet]**, v. 44, p. 107-29, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Maria_Figueiredo12/publication/284452174_Redets_sociais_Um_suporte_para_a_pratica_do_self-cyberbullying_Social_networks_A_support_for_the_practice_of_self-cyberbullying/links/57e845ed08ae9e5e4558c726/Redes-sociais-Um-suporte-para-a-pratica-do-self-cyberbullying-Social-networks-A-support-for-the-practice-of-self-cyberbullying.pdf>. Acesso em 8 de setembro de 2020.

FONSECA, Paulo Henrique Nogueira da et al. Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 246-258, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 abr. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES-VALÉRIO, Juliana Oliveira et al. Análise de Comentários na Internet como Objeto de Estudo da Representação Social do Suicídio. **Journal of Health Connections**, v. 6, n. 5, 2018. Disponível em: <<http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/journalhc/article/viewArticle/5360>>. Acesso em: 8 de setembro de 2020.

HERGESEL, João Paulo. Adolescentes suicidas e sua representação no audiovisual: um diálogo entre a ficção seriada e a saúde mental. In: XI ENCONTRO DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E CULTURA E I ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E CULTURA: COMUNICAÇÃO E LITERATURA, 2017, Sorocaba. **Anais [...]**.

Uniso: Sorocaba, 2017. v. 1. p. 456-469. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/55262570/_ANAIS__Epecom.pdf?1513015142=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DAdolescentes_suicidas_e_sua_representaca.pdf&Expires=1603223514&Signature=hLZLAHf~NJR55yRkJegfSnSvJ5YQM A2cPEZJxdqFwLsnJ3O1pTli8KGSDZoC8i6FwR3si5~eT7GzJg7VJDpNQ0tRtcH4D3qsxcgE7IFgUu4Qd5MVI4qYUrr2ntEzZFqAv-j7YFIsbsRPv6xJYcGTvoR~uAIII1V0kqv0O34YAg9g3nM9bpav2epnw3FDm3sql45fnWgp52ozHOU2f6UX1pofJuJFP3BoSOXwzlk-Vkt-VqU-j0T2KbqchxmGKKkTebiThFJFA7FfCxzBLMm3~TH5vPGxfvGh5gOe1LEhh1cyCsAgHGc~yVx37dgecGsddbvlLxdwaBQQyWS6BOboyw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em: 8 de setembro de 2020.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Abílio; AMANCIO, Lígia; SAMPAIO, Daniel. Arriscar morrer para sobreviver: olhar sobre o suicídio adolescente. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 19, n. 4, p. 509-521, out. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312001000400003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 29 mar. 2020.

OLIVEIRA, Santana Rodrigues de. O suicídio e os apelos da alma: reflexões sobre o suicídio na clínica junguiana com pacientes adolescentes. **O Mundo da Saúde**, v. 36, n. 1, p. 103-110, 2012. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mis-36678>> Acesso em: 30 set 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. E-book. ISBN 978-85-7717-158-3. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SALESIANO, Centro Universitário Católico; SOUZA, Luciana Nogueira Bezerra. **O INDUZIMENTO, INSTIGAÇÃO E AUXÍLIO AO SUICÍDIO ATRAVÉS DAS MÍDIAS SOCIAIS**. 2019. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/62574.pdf>>. Acesso em: 8 de setembro de 2020.

SANTANA, Crisley Buqueroni et al. A história da morte no ocidente e o contexto social como fator de risco para o suicídio. **Rev. Ambiente acadêmico**, v. 1, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/04/revista-ambiente-academico-edicao-2-artigo-3.pdf>> Acesso em: 13 maio 2020.

SENA, Tainá Santos de; FRANCO, Aicil. O suicídio no atendimento clínico Junguiano. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 6, n. 3, 2017. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v6i3.1566>> Acesso em: 30 set 2020.

SILVEIRA, N. **Jung: vida e obra**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SIQUEIRA, Letícia Seibel; VARGAS, Lenon Goulart de. O DIREITO À SAÚDE (MENTAL) DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E O USO DAS TECNOLOGIAS UBÍQUAS. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE: mídias e direitos da sociedade em rede, 5., 2019, Santa Maria. **Anais** [...]. Santa Maria: UFSM, 2019, p. 1-14. Disponível em <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/563/2019/09/11.8.pdf> > Acesso em 28 de outubro de 2020.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma: uma introdução**. Tradução Álvaro Cabral. 5 Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VAZ, Raphael do Amaral; VAZ, Wagner de Menezes. O processo de individualização dos estudantes universitários como manejo do comportamento suicida. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 14, n. 4, São João del-Rei, 2019. Disponível em <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3404> Acesso em: 02 nov 2020.

ZWEIGE, Connie; ABRAMS, Jeremiah (Orgs). **Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. Tradução Merle Scoss. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.